



## SOBRE A TRANSITORIEDADE DO MITO EM ADORNO

Maurício de Assis Reis\*

### Resumo

Esse trabalho investiga e tematiza a relação proposta n' *O Conceito de Esclarecimento* entre mito e esclarecimento do ponto de vista de seu primeiro polo, qual seja, o mito como natureza que é lido em seu núcleo histórico, ou seja, lido como esclarecimento. Tal modo de leitura parte de duas perspectivas, a saber: a conferência de Adorno *Ideia de História Natural*, na qual já realiza essa dialética sob os termos de natureza e história, antecipa a tensão da obra escrita em companhia de Horkheimer entre mito e esclarecimento; em segundo, propõe-se uma aproximação entre a leitura de Marcel Mauss sobre a ideia de *mana* e as passagens da *Dialética do Esclarecimento* que versam sobre os procedimentos mágicos em meio ao estado de coisas mítico. Dessas duas perspectivas é possível vislumbrar a temática do sujeito à medida que tais procedimentos por ele realizados tem em vista um reconhecimento da consciência do primitivo sobre os limites entre si mesmo e a natureza e o movimento realizado por ele em vista da compreensão dessa dupla divisão da realidade.

**Palavras-chave:** mito, esclarecimento, natureza, história, experiência, pensamento.

### Introdução

Um dos aspectos flagrantes do processo diagnosticado e desenvolvido por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* é o esforço de pôr a nu a dissolução do sujeito no sistema, o domínio da natureza, o desencantamento do mundo, em suma, a apresentação do desenvolvimento histórico do esclarecimento e suas consequências na forma da configuração da sociedade em um mundo administrado. Por trás desse esforço, há, segundo a interpretação que aqui se pretende desenvolver, uma apresentação de momentos que são marcados por tipos diferentes de razão ou pensamento, uma vez que tais momentos se modificam, principalmente tendo em vista a experiência que proporcionam.



A primeira parte da obra de Adorno e Horkheimer, intitulada *O Conceito de Esclarecimento*, é desenvolvida a partir de uma leitura que não é incomum no pensamento de Adorno: com efeito, os autores procuram ler o mito como esclarecimento e este, por sua vez, em seu núcleo mítico, lembrando, não por acaso, a leitura feita por ele em seu ensaio *A ideia de história natural*, no qual procura ler o natural como histórico e o histórico como natural. *Não por acaso* porque as ideias de mito e esclarecimento desenvolvidas de modo dialético n’*O Conceito de Esclarecimento* estão diretamente associadas às ideias de natureza e história apresentadas por Adorno naquele ensaio. Ora, tais ideias, apresentadas de modo prévio, seriam:

A título de esclarecimento desse conceito de natureza que se quer dissolver, basta dizer que se trata de um conceito tal que, querendo traduzi-lo na linguagem conceitual filosófica mais frequente, poderia dizê-lo antes de mais nada pelo conceito de mítico. (...) Por “mítico” se entende o que está aí desde sempre, o que sustenta a história humana e aparece nela como Ser dado de antemão, disposto assim inexoravelmente, o que nela tem de substancial.<sup>1</sup>

(...) “história” designa uma forma de conduta do ser humano, essa forma de conduta transmitida de uns aos outros que se caracteriza antes de tudo porque nela aparece o qualitativamente novo, por ser um movimento que não se desenvolve na pura identidade, na pura reprodução do que sempre esteve aí, mas um no qual sobrevêm o novo, e que alcança seu verdadeiro caráter graças ao que nele aparece como novidade.<sup>2</sup>

É possível compreender, a partir dessa citação, que as teses desenvolvidas ao longo do capítulo em questão, quais sejam, que “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia”<sup>3</sup>, estão diretamente associadas a esses dois princípios: o mítico é aquilo que existe, uma estrutura estática na qual vive a humanidade e a partir da qual se

---

\* Mestrando em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>1</sup> ADORNO, 1994. pp. 104-105. *tradução minha*.

<sup>2</sup> ADORNO, 1994. pp. 104-105. *tradução minha*.

<sup>3</sup> ADORNO; HORKHEIMER. 1985. p. 15.



desenvolve; por outro lado, o esclarecimento, momento de superação da humanidade de suas próprias raízes míticas, o momento de sair da mera submissão àquilo que se repete para alcançar o novo, movimento dinâmico que caracteriza, em última instância, o histórico.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é, no rastro teórico de Adorno, explicitar de que forma o mítico se mostra como esclarecimento, como histórico, e, desse modo, explicitar seu lugar na história das ideias: por tal objetivo, entende-se justamente o estabelecimento de uma relação entre experiência e pensamento, entre matéria e razão, no sentido de constituir a imagem de mundo do primitivo, à medida que ela representa as condições de possibilidade para a ação e existência do sujeito nesse mesmo mundo; em outras palavras, trata-se de elaborar a dialética expressa desde já no estado de coisas primitivo, atravessando a pretensa caracterização deste como meramente mítico, como natural, enfim, como totalidade estrutural através de uma leitura do mesmo sob o viés das contribuições da antropologia de Marcel Mauss e dos primeiros desenvolvimentos da *Dialética do Esclarecimento*.

### **Uma mágica imagem de mundo?**

Do caos à ordem: assim poder-se-ia chamar a primeira parte da obra dos autores, intitulada *O conceito de esclarecimento*. Com efeito, trata-se, em linhas gerais, de propor a leitura do mito em seu núcleo histórico, de atravessar sua aparente estrutura estática, repetitiva, tal como Adorno se referiu em seu texto *A ideia de história natural*, a fim de encontrar seu momento de transitoriedade, de construção, enfim, o momento no qual a estranha e descontínua experiência do primitivo alcança seu momento de organização segundo alguma espécie de pensamento. Para tanto, Adorno e Horkheimer enveredam pelas leituras



de Marcel Mauss, autor que, pelo caminho antropológico, é capaz de explicitar a transitoriedade do mito, o significado que que aí tem lugar, seu núcleo histórico. Pretende-se explicitar, nos termos da *Dialética do Esclarecimento*, o reconhecimento da consciência do primitivo sobre os limites entre si mesmo e a natureza e o movimento realizado por ele em vista da compreensão dessa dupla divisão da realidade. Compreender esses passos é compreender a medida da relação dialética entre experiência e pensamento, uma vez que, se bem observado, as categorias que formam o pensamento primitivo estão diretamente associadas às experiências desse mesmo contexto; por outro lado, o primitivo acaba por se relacionar com a natureza, com os outros primitivos e consigo mesmo de acordo com essas categorias, que formam o pano de fundo de suas ações. Esse pano de fundo seria, pois, o horizonte de compreensão mágico, no qual ganhará destaque a noção de *mana*, tomado de empréstimo a Marcel Mauss.

Embora a dialética se estenda por toda a obra, mantendo uma tensão entre mito e esclarecimento, o estudo que recorta o mito como objeto a ser estudado não leva ao esquecimento de tal dialética; com efeito, é possível vislumbrar no mito o seu núcleo de esclarecimento e, seguindo a conferência do jovem Adorno, o mito pode ser atravessado em sua aparência estática através da percepção nele de seu núcleo dinâmico, histórico. Nesse sentido, ao se falar de um contexto ou imagem de mundo mítica, é preciso compreender uma ideia interessante para a qual Duarte aponta em seus escritos sobre *O Conceito de Esclarecimento*. Segundo ele,

Todo o processo de esclarecimento, tomado de um modo geral, seria fruto de um pavor primordial experimentado pelos seres humanos nos início de sua existência: eram seres de força física claramente inferior a muitos dos fenômenos



naturais (...) e que, ao mesmo tempo, tinham uma consciência, ainda que incipiente, de sua diferença fundamental com relação ao resto da natureza.<sup>4</sup>

Segundo Adorno e Horkheimer, o processo da civilização ocidental caracterizou-se, antes de mais nada, pela superação da mentalidade mítica, para a qual não há sujeito propriamente dito, uma vez que o selvagem não se entende ainda como um ser separado do mundo natural que o circunda. Tal fato se por um lado o tranquiliza, por outro o amedronta, porque sua consciência rudimentar já lhe sinaliza o seu desligamento potencial do mundo físico, que, inclusive, manifesta-se-lhe em grande parte hostil e ameaçador.<sup>5</sup>

Salta aos olhos nessas passagens a consideração de uma imagem de mundo primitiva, selvagem: a existência de um caos absoluto, de uma absoluta ausência de limites, fronteiras, determinações é contestada por um único aspecto, que é a menção a um “desligamento potencial do mundo físico” por parte do primitivo, o que evoca uma consciência em potencial. Segundo Adorno e Horkheimer, “uma única distinção, a distinção entre a própria existência e a realidade, engolfa todas as outras distinções”<sup>6</sup>. Com efeito, o terreno da indeterminação e da ausência de distinções mais precisas marca essa imagem de mundo, para a qual é importante a ideia de *mana*. Segundo Mauss, essa ideia tem por uma de suas principais características a sua obscura e plurívoca aplicação, muito embora seja, ao mesmo tempo, estranhamente determinada:

(...) a palavra [*mana*] compreende uma quantidade de ideias (...) ela nos apresenta, reunidas num único vocábulo, uma série de noções cujo parentesco entrevimos, mas que alhures nos eram dadas isoladamente. Ela realiza aquela confusão do agente, do rito e das coisas que nos pareceu ser fundamental em magia. (...) A ideia de *mana* é uma dessas ideias turvas das quais acreditamos termos livrado, e que por isso temos dificuldades de conceber. Ela é obscura e vaga, no entanto de um emprego estranhamente determinado. É abstrata e geral, no entanto, cheia de concretude. Sua natureza primitiva, isto é, complexa e confusa,

---

<sup>4</sup> DUARTE, 2003. p. 42.

<sup>5</sup> DUARTE, 1997. p. 51.

<sup>6</sup> ADORNO; HORKHEIMER, 1985. p. 20.



nos impede de fazer dela uma análise lógica, devemos nos contentar em descrevê-la.<sup>7</sup>

E, mais adiante, ele acrescentará:

Poder-se-ia dizer ainda, para exprimir melhor de que maneira o mundo da magia sobrepõe-se ao outro sem separar-se dele, que tudo se passa como se ele estivesse construído numa quarta dimensão do espaço, cuja existência oculta seria expressa, por assim dizer, por uma noção como a de *mana*.<sup>8</sup>

O fato de que para Mauss “víamos”, até então, como sentidos separados aquelas ideias que se reúnem num único vocábulo que é o *mana* é sintomático, pois revela, à primeira vista, o abismo profundo que separa os modos de pensamento primitivo e moderno: o primeiro vê o mundo, de certa forma, como um todo inseparável, indiscernível; o segundo, o organiza até seus últimos e mais particulares aspectos em um todo conhecido. Esse aspecto ainda comporta outro elemento importante: de que, no domínio da magia, do *mana*, o mundo é governado por um princípio que o atravessa, que tudo é perpassado por uma espécie de alma, que torna tudo animado e, ao mesmo tempo, ligado, se influenciando continuamente. Trata-se de um mundo obscuro em suas relações, justamente por essas ligações que impedem um vislumbrar das fronteiras que delimitam cada ser e que o distinguem do resto da realidade. No entanto, há um emprego bem determinado: ao apresentar uma confusão entre o agente, os ritos e as coisas, ela traz consigo a grande eficácia das práticas mágicas, sendo que o xamã, ao realizar os ritos, se envolve nessa rede de influências a fim de trazê-las a seu favor ou a favor da tribo à qual pertence. Por isso, apesar de abstrata e geral, o *mana* é cheio de concretude.

---

<sup>7</sup> MAUSS, 2003. p. 142.

<sup>8</sup> MAUSS, 2003. p. 151.



### **A retomada do *mana* na *Dialética do Esclarecimento***

Um dos aspectos chamativos da análise de Mauss da ideia de *mana* é a sua não apreensão por uma análise lógica, o que conduz a uma transformação da própria linguagem a ser utilizada. Já na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer não prescindem da ressalva de Mauss, mas, ao contrário, revelam na forma da obra o compartilhamento dessa mesma preocupação: a reunião de diversos elementos provenientes das ciências humanas constitui uma forma ímpar de apresentação da ideia, que encontra seu maior destaque no nono parágrafo do capítulo em questão. Aí aparece não apenas a ideia de *mana* na forma como os autores a compreenderam, mas também a ideia de um mundo no qual o pensamento, como entendido hoje, não é o auge do processo, mas tão-somente servindo a uma compreensão de que o mundo do *mana* não é constituído apenas daquilo que se vê claramente, que se conhece, mas povoado de seres, preenchido de *mana*, e, portanto, necessitado de práticas que influam justamente nisso que a experiência não alcança de modo mais concreto e que o pensamento não determina. O pensamento, por assim dizer, *não é o auge* porque não é suficiente para garantir a “segurança” desejada: o pensamento se caracteriza, em muito, por um reconhecimento da supremacia da natureza frente ao elemento individual, e a segurança a ser alcançada só o é através dos ritos mágicos. Segundo Adorno e Horkheimer,

Primário, indiferenciado, ele é tudo o que é desconhecido, estranho: aquilo que transcende o âmbito da experiência, aquilo que nas coisas é mais do que sua realidade já conhecida. O que o primitivo aí sente como algo de sobrenatural não é uma substância espiritual oposta à substância material, mas o emaranhado da natureza em face do elemento individual. O grito de terror com que é vivido o insólito torna-se seu nome.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 25.



Sob essa ideia de *mana*, poder-se-ia dizer que o selvagem continua a ser submisso à natureza; contudo, essa submissão se constitui como forma de garantir alguma segurança ao próprio indivíduo. Nesse caso, a compreensão do *mana* como aquilo que não se submete à experiência sensível do homem surge como a aceitação da supremacia da natureza frente ao indivíduo e necessária adequação a essa realidade; seu medo figura agora não mais tão somente como elemento de repulsa em relação à natureza, mas também como reconhecimento das relações de poder nas quais ele se envolve, uma vez que a ideia de *mana* traz consigo a eficácia de suas práticas. Estas, por sua vez, são erigidas em normatização da vida: “Os deuses não podem livrar os homens do medo, pois são as vozes petrificadas do medo que eles trazem como nome. Do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido”<sup>10</sup>. Em outros termos, os deuses não livram os homens do medo, mas o determinam dentro de uma imagem de mundo, determinando, por sua vez, as necessárias ações do selvagem. A experiência do medo é trazida ao pensamento que a organiza em relação à gama de experiências do selvagem.

Essa compreensão do medo sob a ideia de *mana* como aquilo que permanece ainda desconhecido conduz o mito a seu núcleo de esclarecimento. Segundo os autores, “a própria mitologia desfecha o processo sem fim do esclarecimento, no qual toda concepção teórica determinada acaba fatalmente por sucumbir a uma crítica arrasadora, à crítica de ser apenas uma crença”<sup>11</sup>. Não por acaso, uma leitura atenta dos dezesseis parágrafos iniciais do capítulo (de um total de vinte e dois), demonstram uma tensão entre mito e esclarecimento, apontando para o caráter processual existente entre esses dois elementos. Essa tensa relação dialética entre eles não é estabelecida num determinado momento, mas, de alguma forma,

---

<sup>10</sup> ADORNO; HORKHEIMER, 1985. p. 26.

<sup>11</sup> ADORNO; HORKHEIMER, 1985. p. 23.





pertence a todos eles: em cada teoria que é superada acusada de crença, ela é julgada como mítica, julgada como anacrônica, insuficiente para compreender a experiência do atual momento. De qualquer modo, é preciso ressaltar que Adorno e Horkheimer destacam no mito o núcleo de esclarecimento que já possuem:

O mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. Com o registro e a coleção dos mitos, essa tendência reforçou-se. Muito cedo deixaram de ser um relato para se tornarem uma doutrina. Todo ritual inclui uma representação dos acontecimentos bem como do processo a ser influenciado pela magia. (...) Os mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como o objetivo a se alcançar<sup>12</sup>.

Em outros termos: o mito já assume, no que diz respeito a seus fins, a necessidade de conhecer e dominar, de se imiscuir nas relações de poder que enxerga na natureza, de modo a alcançar seu lugar naquela situação característica e angustiante de seu “desligamento potencial”. Isso se faz a partir de uma compreensão, ainda que incipiente, mas bem determinada pela representação da natureza e de tudo que se encontra no círculo da experiência do primitivo, a fim de que seja efetivamente influenciado pela magia. Essa situação se passa tendo em vista uma maior e melhor organização do espaço do primitivo, organização essa que se constrói a partir das relações de poder aí existentes, conforme corrobora Duarte: “as primeiras ações humanas, no sentido de se orientar no seu ambiente natural, já continham certo elemento de racionalidade dominadora do real, ainda que revestida da forma aparentemente irracional do mito”<sup>13</sup>.

Mito e esclarecimento, aparentemente opostos, podem ser medidos a partir de uma leitura dialética. O mito, assim como o “programa do esclarecimento” enunciado logo ao início do

---

<sup>12</sup> ADORNO; HORKHEIMER, 1985. p. 20.

<sup>13</sup> DUARTE, 2003. p. 43.



capítulo, se constitui como forma de pensamento que tem em vista fugir à experiência do medo a que se encontra submetido o selvagem. Essa experiência existe em função justamente do caráter indeterminado do *mana*, algo do que as práticas mágicas se ocupam: nisso se vê, uma vez mais, essa passagem ininterrupta, contínua, do caos à ordem, que busca, no esclarecimento, categorias que, ao tornar toda essa experiência manipulável pelo pensamento, a organiza em seus mais recônditos espaços. Isso significa, em última instância, uma apreensão do historicamente novo em termos de uma aparência significativa, uma natureza que se reconstrói: trata-se, pois, do mito que se mostra enquanto esclarecimento, enquanto algo que não se enxerga, ao mesmo tempo, enquanto mítico, mas enquanto procedimentos fiadores da própria sobrevivência humana, de sua autoconservação. Concluir, à luz da conferência de Adorno e da influência proveniente das contribuições de Marcel Mauss, que o pensamento mítico se mostra em sua transitoriedade é concluir que o pensamento mágico-mítico, tomado como uma intransigente aparência estática, se dissolve em categorias históricas que o definem como pensamento e, portanto, enquanto um processo que não separa radicalmente novo e arcaico, mas que os compreende como passagem, transitoriedade, como aparência, como significado.

### **Referências Bibliográficas**

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. Reimpressão de 2006.

ADORNO, Theodor W. La idea de historia natural. In. \_\_\_\_\_ . *Actualidad em filosofia*. Tradução de José Luis Arantegui Tamayo. Barcelona: Altaya, 1994. pp. 103-134.



DUARTE, Rodrigo. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

\_\_\_\_\_. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.